

Há vagas, mas faltam médicos

Nem oferecendo 20 horas extras somadas ao salário de R\$ 1,2 mil Jofran Frejat consegue atrair novos profissionais

A regularização do sistema de saúde no Distrito Federal ainda demora um ano, no mínimo, de acordo com previsão do próprio secretário de Saúde. "Somente com mais um ano de trabalho é que conseguiremos reorganizar a casa", diz o secretário Jofran Frejat.

Os cidadãos do DF vão continuar convivendo com as filas nos hospitais públicos, que continuam aumentando, apesar das tentativas da secretaria em racionalizar o atendimento. "Não é possível que os prontos-socorros continuem atendendo pacientes para a retirada de gesso de quem sofreu uma fratura", condena Frejat, que orientou seus subordinados para estabelecerem novos procedimentos no atendimento.

No momento, há um déficit de 780 médicos no sistema público de saúde do DF, de acordo com o secretário. "Em Ceilândia, há cinco centros de saúde sem um único clínico", lamenta Frejat. Na próxima semana acaba o período de inscrição para 245 novos médicos para a Fundação Hospitalar do DF (FHDF). "Mas ainda não resolve a situação. Não é suficiente", lastima.

A principal dificuldade são os baixos salários, de apenas R\$ 1.200,00. "Mesmo oferecendo 40 horas semanais (contando 20 horas extras), só conseguimos atrair alguns poucos", continua o secretário. Ele enumera ainda outra dificuldade: a carga horária dos médicos foi reduzida de 24 horas semanais para 20 horas. "Perdemos quatro horas semanais de serviço." Isso por obra e graça de lei distrital.

Por outro lado, "há um trabalho mais a longo prazo, educativo, que é convencer a população sobre o atendimento em postos de saúde", explica Frejat. "Mas não há como convencermos a população para procurar atendimento onde às vezes só existe a estrutura física do posto de saúde."

POSTOS DE SAÚDE

A Secretaria já fechou convênio no

valor de R\$ 3,6 milhões com a Novacap para a construção de 30 novos postos de saúde. "Parte dos recursos já estão alocados", garante Frejat. Esses postos farão o atendimento do Saúde em Família, programa que substituirá o extinto Saúde em Casa, do governo anterior.

Os postos terão 207m² e custarão cada um R\$ 80 mil. E mais R\$ 32 mil em equipamentos. Serão construídos em seis meses nas seguintes cidades: Brazlândia (1), Ceilândia (5), Candangolândia (1), Planaltina (5), Paranoá (1), São Sebastião (1), Samambaia (6), Recanto das Emas (3), Riacho Fundo (1) e Santa Maria (6).

Mas para completar o quadro, o programa Saúde em Família só começará a funcionar em meados do segundo semestre deste ano. "Mas o atendimento do Saúde em Casa era muito pequeno. Inúmeros exames e procedimentos ainda necessitam da presença do paciente no hospital", critica o secretário.

Com a publicação no Diário Oficial do DF na última quinta-feira do orçamento suplementar da Secretaria de Saúde, o secretário Frejat deu a partida para a publicação do edital que selecionará e contratará mil profissionais para o Saúde em Família.

"Serão cem equipes de oito pessoas, nos moldes do programa instituído pelo Ministério da Saúde", diz Frejat. O restante dos contratados será o pessoal administrativo e de apoio. "Antes de começarem a atuar, essas equipes farão treinamentos específicos", informa ele.

Das 220 casas alugadas pelo governo anterior para o programa Saúde em Casa, o atual governo já cancelou o contrato de 50 delas. "O objetivo é fazer economia. E evitar irregularidades. No Gama, seis casas alugadas nunca foram usadas", diz Jofran Frejat. Ele diz não querer fazer críticas ao governo anterior, mas seus auxiliares e assessores insistem em contrariar o chefe e ficam lhe soprando possíveis irregularidades desse programa.

Zuleika de Souza



Filas como esta no Hospital Regional de Taguatinga vão continuar por, pelo menos, mais um ano, prevê Frejat